

**NIETZSCHE PSICÓLOGO:  
A CLÍNICA À LUZ DA FILOSOFIA TRÁGICA**

### Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubín de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

# **NIETZSCHE PSICÓLOGO: A CLÍNICA À LUZ DA FILOSOFIA TRÁGICA**

ORGANIZADORA

**Simone Mainieri Paulon**



*Editora Sulina*

© Os autores, 2014

Capa: *Eduardo Miotto*

Projeto gráfico: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão gráfica: *Angelo Cabeda*

Revisão: *Caren Capaverde e Vânia Möller*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( cip )

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

N677

Nietzsche psicólogo: a clínica à luz da filosofia trágica / organizado  
por Simone Mainieri Paulon. -- Porto Alegre: Sulina, 2014.  
239 p.

ISBN: 978-85-205-0707-0

1. Psicologia Clínica. 2. Psicologia. 3. Filosofia. 4. Medicina.  
I. Paulon, Simone Mainieri.

CDU: 101  
159.9  
61  
CDD: 100  
150  
610

---

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (051) 3311-4082

Fax: (051) 3264-4194

[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

{Outubro /2014}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

## SUMÁRIO

**Apresentação da coletânea** 7  
SIMONE MAINIERI PAULON

**Prefácio** 17  
BENILTON BEZERRA JÚNIOR

### PARTE I

## Nietzsche psicólogo

**Sobre saúde, doença e ressentimento** 29  
OSWALDO GIACOIA JÚNIOR

**Nietzsche e a repetição:  
entre a necessidade e a contingência** 59  
MARIO FLEIG

**A vulgaridade e o devir nobre  
da crítica em Nietzsche** 71  
DANIEL DUTRA TRINDADE

**Psicologia, ciência e moral: uma reflexão  
nietzscheana sobre a “vontade de verdade” na Psicologia** 91  
RALF KAYSER

**O corpo: a grande razão** 111  
CELSO CÂNDIDO DE AZAMBUJA

**Nietzsche e a lógica da suspeita** 121  
FELIPE GARRAFIEL PIMENTEL

PARTE II

**A clínica à luz da filosofia trágica**

<b>A psicanálise e a herança de Nietzsche sob a forma de dez mandamentos</b>	145
ALFREDO NAFFAH NETO	
<b>Do esgotamento à convalescença: a clínica</b>	167
DÉBORA DE MORAES COELHO	
<b>O sujeito na tensão entre a memória e o esquecimento</b>	187
LIANE PESSIN	
<b>A série Nietzsche-grupos-instituições</b>	195
REGINA BENEVIDES DE BARROS	
<b>Você sabe o que é ter um amor, meu senhor? Notas sobre ressentimento e “dor de cotovelos”</b>	215
SIMONE MAINIERI PAULON	
<b>Pós-Scriptum</b>	236
POR ALICE GRASIELA CARDOSO REZENDE CHAVES	
<b>Sobre os autores</b>	238

## Dedicatória

Ao *Evandro Welp*, cuja arte de temperar o cotidiano deixa um gosto de infinito a cada instante.

Ao *Artur Paulon Rodrigues* e a *Laura Welp*, com quem temos tido o prazer de saborear a vida e aprender que querer mais dela é desejar a própria superação.

## Apresentação da coletânea

SIMONE MAINIERI PAULON

*Mas nenhum de nós foi hábil para elucidar o fenômeno e suas bases psicológicas tão exaustivamente e, ao mesmo tempo, tão agudamente quanto Nietzsche em um de seus aforismos (Além do Bem e do Mal, cap. IV): “– Eu fiz isso – diz a memória. – Não, eu não posso ter feito – diz meu orgulho, e permanece inexorável. No fim – a memória cede.”*  
(Freud<sup>1</sup>)

Nietzsche se dizia “médico da civilização”. Freud também se colocou nesse lugar ao criar uma clínica baseada na análise das vicissitudes da existência humana enquanto processo civilizatório. A par dos inúmeros mistérios e das inume-

---

<sup>1</sup> Em nota adicionada em 1910 ao capítulo VII da *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, e citada novamente em *Notas sobre um caso de Neurose obsessiva*.

ráveis lendas que acompanham as possíveis aproximações que o psicanalista teria tido à obra filosófica do maior crítico da modernidade, o que é indubitável é que Freud não teria ficado indiferente à mesma.

Um dos motivos para isso, qualquer leitor de Freud poderia supor, seria a estratégia de pensamento, a perspectiva genealógica proposta pelo filósofo para que alguém lograsse tornar-se o que é.<sup>2</sup> Concordando com alguns comentadores da obra nietzscheana – como Deleuze, Derrida e Kofmann –, Robert Pippin afirma que os textos de Nietzsche parecem conter uma espécie de armadilha a qual tira com uma mão aquilo que parecia ter dado ao leitor com a outra. No trabalho “Nietzsche, Psychology & First Philosophy”, Pippin se dedica a argumentar por que entende a psicologia como a principal categoria para Nietzsche, assim como a analisar por que mesmo ela é tão “retoricamente complicada e elusiva”.<sup>3</sup>

Recusando uma interpretação psicologizante da obra, a que tantas vezes se viu tentado a fazer e da qual muitos de seus seguidores não se furtaram<sup>4</sup>, o criador da psicanálise teria feito escassas, porém contundentes, referências ao filósofo do eterno retorno. Possivelmente, a primeira dessas encontra-se numa passagem em carta a Fliess, em 1900 (curiosamente escrita 6 meses antes da morte do filósofo, que já se encontrava inativo há mais de uma década), na qual Freud anunciava certa ambiguidade que perpassaria boa parte dos testemunhos deixados por ele em relação às leituras feitas de Nietzsche. “Acabo exatamente de pegar as obras de Nietzsche onde encontrarei, espero, palavras para muitas coisas que permanecem mudas em mim, mas ainda não abri o livro”.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Em alusão ao subtítulo que Nietzsche coloca em seu último livro – *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*.

<sup>3</sup> A obra referida foi publicada pela editora da Universidade de Chicago em 2010 (citação da p. XVI do capítulo introdutório livremente traduzida por mim).

<sup>4</sup> Conforme apresentado em Assoun, P.-L. *Freud e Nietzsche – semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo, Brasiliense, 1989; e retomado em Fleig, Pimentel e Naffah Neto nos textos que seguem.

<sup>5</sup> *Apud* Assoun, *op.cit.* p. 39.



É difícil imaginar que o espírito inquieto e o pensamento ousado de Freud a tantos padrões morais de sua época, pudessem reprimir a curiosidade de abrir as páginas que poderiam expressar aquilo para o que ele não encontrara palavras por “preguiça” – termo o qual ele usa para justificar ao amigo o movimento de retardar (evitar?) a leitura.

Assenta-se aí a hipótese defendida por Assoun de uma possível resistência de Freud a Nietzsche, com base nas aproximações que o psicanalista encontrava a cada tentativa de adentrar mais profundamente a obra do filósofo. Uma afirmação feita por Freud relativa ao poeta de Zarathustra, em uma das lendárias quartas-feiras da Sociedade de Psicanálise da Viena, em 1908, ratifica essa tese. Durante as sessões destinadas ao debate da “Genealogia da Moral”, em abril, e de “Ecce Homo”, em outubro do mesmo ano, ele teria confidenciado a seus pares não suportar a leitura de mais de meia página de Nietzsche, talvez pelo que o conteúdo produzido por uma mente perturbada lhe despertasse, ou mesmo pelo incômodo narcísico que a extrema coincidência entre suas ideias lhe produzisse.<sup>6</sup>

Pudera que a genialidade do poeta e pensador trágico mobilizasse de tal forma o criador da psicanálise! Sem o verniz da hipocrisia moral, tão comum aos meios intelectuais quanto avesso às ácidas críticas que boa parte de sua obra dirige à enaltecida racionalidade moderna, Nietzsche não apenas se autointitulou psicólogo das profundezas – “que precisa fazer falar em voz alta exatamente o que gostaria de permanecer em silêncio” – como chegou a se apresentar como o primeiro psicólogo da Europa – “Quem, entre os filósofos, foi antes de mim psicólogo e não o seu oposto, superior embusteiro, idealista? Antes de mim não havia absolutamente psicologia”. Definindo, não obstante, a Psicologia

---

<sup>6</sup> No posfácio que Paulo Cesar de Souza faz ao *Ecce Homo*, São Paulo: Cia das Letras, 1995.

enquanto “senhora de todas as ciências”<sup>7</sup>, as pistas indicativas do que o psicanalista pode aprender com o filósofo não se limitam às provocativas designações que Nietzsche teria feito sobre si mesmo. Dirigindo-se, em alguns momentos, especificamente, a “esses pesquisadores e microscopistas da alma” no incisivo diagnóstico da modernidade empreendido pela *Genealogia da Moral*, o autor oferece preciosos elementos para a construção de uma ciência da subjetividade liberada dos preconceitos metafísicos e morais aos quais se manteve historicamente ligada. Como bem resume Giacoia Jr. em seu *Nietzsche como Psicólogo*, que deu origem ao projeto que este livro encerra: “A ousadia intelectual de Nietzsche recorre ao exame crítico dos pilares do pensamento metafísico procedendo à desconstrução do tradicional primado da consciência para evidenciar a psicologia como caminho que conduz aos problemas fundamentais”.

Distantes mais de um século dos fatos que poderiam precisar se há, como afirmam vários psicanalistas, uma dívida teórica de Freud para com Nietzsche, torna-se difícil – e de utilidade duvidosa – tomarmos uma posição inequívoca diante de tal polêmica. Entretanto, analogamente à máxima freudiana que afirma não sabermos se o inconsciente existe, mas não podemos negar que ele insiste, bem poderíamos conjecturar que não sabemos, ao certo, o que há de nietzscheano em Freud, mas temos bons elementos para pensar que o psicanalista, no mínimo, gostou do que leu no filósofo. Os ensaios que seguem têm a pretensão de cumprir o mesmo destino para seus leitores.

Eles foram elaborados em épocas diferentes e correspondem a projetos de investigação e estudos igualmente diversos em que os autores se debruçaram sobre algumas questões clínicas, geralmente extraídas de suas atividades como pesquisadores e/

---

<sup>7</sup> Em sequência, a primeira citação do parágrafo encontra-se no prefácio do *Crepúsculo dos ídolos*, a autodenominação de 1º psicólogo é retirada do capítulo *Por que sou um destino?* de *Ecce Homo* e a última encontra-se em *Além do Bem e do Mal* e constituem o argumento inicial largamente debatido por Giacoia Jr. no primeiro movimento do livro *Nietzsche como Psicólogo* (2001).

ou terapeutas mantêm um mesmo fio condutor: o que as práticas clínicas da atualidade podem aprender com a ética trágica.

O crescente interesse observado em diversos campos do conhecimento pela articulação das duas grandiosas obras se inscreve em uma trajetória maior da qual esta coletânea é tributária. A filosofia trágica – aqui considerando Nietzsche como seu principal interlocutor – sustenta hoje, no Brasil como em outras partes do mundo, noções de sujeito e de clínica fundamentais no leque das construções teóricas sobre a subjetividade contemporânea.

Sensível a tal apelo, o psicanalista Alfredo Naffah Neto desenvolveu uma série de trabalhos que exploram os ensinamentos nietzscheanos para elucidar aquilo que, no encontro com Dioniso, a clínica psicanalítica pode aventurar-se a se tornar. “Vive em mim um Nietzsche que anseia por se tornar psicoterapeuta”, anunciava ele em 1994 ao abrir seu livro<sup>8</sup>, que propõe uma releitura de conceitos clássicos da psicanálise a partir de uma suposta “visita” do filósofo a Freud. Animados pelo convite contido nesse trabalho precursor de Naffah Neto e, na sequência, pela criativa leitura ofertada pelo trabalho do professor Oswaldo Giacoia Jr., vários outros potencializadores encontram com uma teoria psicológica em Nietzsche foram se produzindo.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> NAFFAH NETO, Alfredo. *A psicoterapia em busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud*. Escuta/Educ: São Paulo, 1994.

<sup>9</sup> Refiro-me aqui ao Seminário realizado na Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP em 1999, que foi reprisado na UNISINOS-RS em 2000, gerando a publicação do texto homônimo ao curso pela editora da universidade gaúcha e a demanda por uma segunda edição do evento, realizada em 2002, que contou, novamente, com o professor Giacoia Jr. na conferência de abertura intitulada “Saúde e Ressentimento em Nietzsche”. Em 2010 e 2012, já como docente do PPG de Psicologia Social da UFRGS, coordenei o Seminário “Nietzsche Psicólogo”, que contou com alguns dos presentes autores como convidados. Não vinculada a esse circuito estabelecido pela parceria dos dois professores paulistas com as universidades do sul, mas de grande impacto no meio psicanalítico do país, cabe também citar a publicação, em 2004, do livro *Ressentimento*, em que Maria Rita Kehl se dedica à acurada análise dos efeitos clínicos e políticos do tema-título para a atualidade.

Ao brindar-nos com sua interpretação da construção teórica nietzscheana como base para se desconstituir a tradição moral e metafísica da ciência psicológica, Giacoia Jr. apresentou a muitos de nós, autores aqui reunidos, uma perspectiva vitalizadora da psicologia e, com ela, a possibilidade de se construírem hipóteses clínicas originais que incidam e ajudem a pensar as questões pulsantes da subjetividade em nosso tempo.

Em seu texto que abre esta coletânea e que constituiu a conferência de abertura da 2ª edição do curso “Nietzsche como Psicólogo”, o autor nos convida aos labirintos da aventura nietzscheana rastreando o conceito de saúde no filólogo através da instigante questão colocada no prólogo da *Gaia Ciência*: O que ocorre com o pensamento quando adoece o pensador? “Eis a questão que interessa aos psicólogos: e aqui o experimento é possível”.

Lançados ao desafio e dispostos à experimentação prenunciada por Nietzsche, os autores reunidos na primeira parte deste livro muniram-se do “martelo” do filósofo para problematizar certas ferramentas conceituais de forma a dispô-las a serviço de indagações que ajudem a compreender o sofrimento do homem contemporâneo.

Para introduzir a ideia de um desmedido efeito que pode ter o encontro do psicanalista com a filosofia do eterno retorno, Fleig parte da hipótese de que Freud teria se dirigido a ela “na expectativa de encontrar ali as palavras que lhe carecem para dizer seu próprio indizível”. Tomando a pista do portal do instante que permite a Zaratustra intervir no curso do destino trágico, o artigo “Nietzsche e a Repetição” argumenta que “entre a necessidade e a contingência” o paradoxo do instante extraordinário pode oferecer algum ensinamento à operação modal de interpretação.

A constituição subjetiva do “homem vulgar” é o foco do estudo empreendido por Daniel Trindade, que responde à tarefa de entrever, com o filósofo, o processo de mediocrização ou deterioração da vida. A “revolta dos escravos na moral” como

operação deflagradora da deterioração do homem é analisada por meio de uma genealogia nietzscheana que revira a tábua de valores morais, para compreender como o arrebanhamento moral dos fracos determina um *ethos* vulgar da modernidade.

Kayser explora a noção de “vontade de verdade” em Nietzsche, localizando-a na base da procura obsessiva de cientificidade característica da modernidade e, com ela, dos valores metafísicos que sustentam a formulação da Psicologia como um instrumento de avaliação moral.

No texto “A grande razão”, o filósofo Celso Cândido de Azambuja apresenta-nos uma das mais importantes transvalorações operadas por Nietzsche. O corpo, renegado ou amaldiçoado na tradição iluminista e ascética, será elevado a valor de primeira grandeza. Desse modo, as paixões, os instintos e os sentidos serão considerados como instâncias primeiras na hierarquia dos valores.

Felipe Pimentel completa essa sessão apresentando um estudo que compreende a obra de Nietzsche inserida no contexto histórico das vanguardas niilistas do final do século XIX. Assim como Schopenhauer, Dostoiévsky e Freud, Nietzsche é tomado como um pensador da tragicidade da existência aberta pelo desencantamento do mundo e da noção de verdade, resgatando, dessa forma, a dimensão psicológica de sua obra normalmente relegada a segundo plano em nome da filosofia.

No intuito de apontar as diretrizes para uma psicanálise trágica, a segunda parte da coletânea agrupa artigos que se debruçam sobre o foco anunciado no subtítulo do livro: a clínica à luz da filosofia trágica. É aberta com o trabalho de Naffah Neto, no qual os 10 mandamentos são prescritos para uma terapêutica de inspiração nietzscheana.

Seguindo propósito equivalente, duas ferramentas conceituais são tomadas como analisadoras à clínica psicanalítica. Débora de Moraes Coelho nos conduz a circular em uma atmosfera clínica na qual vivemos o desafio de escutar o discurso de quem vive mais do que um cansaço físico e psíquico. Como ampararmos os

sujeitos contemporâneos e escutarmos sua atual queixa: “eu não aguento mais”? Como transformar o esgotamento em um meio de passagem? Perguntas potentes para tempos confusos é a provocação do artigo “do esgotamento à convalescença: a clínica”.

Na sequência, para pensar “O sujeito na tensão entre a memória e o esquecimento”, Liane Pessin ficciona um diálogo entre Nietzsche e Freud, que permite produzir hipóteses sobre os processos de subjetivação. Para tanto, o artigo detém-se, mais especificamente, na capacidade de prometer tal como explorada pelos dois autores e a desdobra para problematizar aquilo com que o trabalho psicanalítico se depara cotidianamente: discursos que expressam conflitos da ordem do “quanto se conserva e do quanto se rompe com o si mesmo”.

No artigo “A série Nietzsche-grupos-instituições”, Regina Benevides de Barros toma a proposta genealógica de Nietzsche para rastrear as condições de emergência e invenção do que denominou a Instituição-Grupos. As noções de verdade, moral, ciência, linguagem e consciência transformam-se em operadores conceituais meticulosamente retirados dos escritos nietzscheanos para revigorar a perspectiva analítico-institucional no trabalho com grupos. A proposição da autora de que a intervenção com grupos possa ser trabalhada no sentido de intensificação da Vontade de Potência permite abandonar a compreensão do grupo como categoria ou entidade e passar a compreendê-lo como dispositivo analítico.

No encerramento dessa segunda parte, o artigo de minha autoria discute a Psicologia do Ressentimento, pensando a função estética dos “desejos de morte ou de dor” expressos nos célebres sambas que entoam as mundanas tragédias das rupturas amorosas. As lendárias letras de Lupicínio Rodrigues, reconhecido como o sambista que popularizou a “dor de cotovelo”, são evocadas no intuito de aproximar as noções de desamparo e niilismo que permitem entender o processo de autocomiseração a que todo seduzido abandonado parece se condenar.

Desde o percurso aqui sintetizado, a especificidade do que a filosofia trágica tem a oferecer à clínica psicanalítica passou a constituir não só o foco de nossas atividades docentes e práticas clínicas como, fundamentalmente, passou a nortear inúmeras investigações teóricas, trabalhos acadêmicos e projetos de pesquisa que, não fossem essa sucessão de “bons encontros”, no sentido spinoziano do termo, talvez não se tivessem produzido.

Cabe ainda destacar que, entre os encontros que viabilizaram a presente publicação, a fraternal parceria da professora Marcia Tiburi é uma das boas heranças que a organização dos Seminários “Nietzsche como Psicólogo” me legou. Também importa marcar o fundamental dispositivo oferecido pelo professor Alfredo Naffah Neto como responsável primeiro, para muitos de nós, pela articulação filosófico-psicanalítica aqui explorada. Ao professor Giacoia Jr. nosso especial agradecimento, tanto pela crescente interlocução que seu minucioso trabalho filosófico tem oferecido ao pensamento psicológico quanto pela cedência de sua conferência de 2002 que, desde que foi proferida, com o rigor e a generosidade que caracterizam o autor, nunca mais deixou de produzir efeitos e provocar desdobramentos acadêmicos e existenciais em vários de seus leitores.

Graças a pessoas como essas, lançarmo-nos ao exercício do pensamento estimulado pelas profícuas ressonâncias entre as obras de Nietzsche e Freud tornou-se, mais do que um projeto teórico, um alegre trabalho que, além de bons amigos e eventos, permite produzir hipóteses mais complexas, profundas e menos morais sobre a vida e prática clínica.